



“Do porto vamos às ilhas”: uma incursão em habitação social portuense no 13º PNUM

Porto, 2025

Marcello Gaiani Bragatto 

FAUP – Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, PDA – Programa de Doutoramento em Arquitectura, Porto, Portugal.

E-mail: up202101158@edu.arq.up.pt

Submetido em 28 de julho de 2025. Aceito em 30 de julho de 2025.

<https://doi.org/10.47235/rmu.v13i2.470>

Entre os dias 25 e 27 de junho de 2025 a Universidade Portucalense, da cidade do Porto, Portugal, sediou o 13º PNUM com o tema “Para além da forma: território e desafios sociais”. Além das conferências e painéis temáticos tradicionais na estrutura do evento, nesta edição, a comissão organizadora proporcionou incursões territoriais na região central da cidade ao final do primeiro dia, sendo que duas delas com percurso às tipologias de “ilhas” características da cidade do Porto. Essas duas opções de circuito previstas foram condensadas em uma única com grupo participante maior, opção 2: “Habitar uma ilha no quintal – Um passeio pelas ‘ilhas’ do Porto” e opção 3: “Da cidade à casa”. Os guias responsáveis pelos circuitos foram Bernardo Amaral e Aitor Varea Oro, respectivamente.

Nosso ponto de encontro deu-se na estação de metrô Heroísmo, Freguesia do Bomfim, onde nos reunimos e recebemos as primeiras informações históricas das ilhas. As “ilhas” do Porto são um tipo de habitação operária que surge no século XIX, marcado por lotes estreitos e compridos onde se alinham pequenas casas unifamiliares (divisões) dispostas em sequência ao longo de um corredor comum. Com a industrialização do Porto, o fluxo de trabalhadores gerou grave escassez habitacional, à qual as “ilhas” surgiram como solução informal de alojamento operário. Contudo, esses aglomerados precários depressa se tornaram sinônimo de degradação habitacional. Geralmente as ilhas ficam escondidas no interior dos quarteirões, acessíveis por um estreito caminho lateral ao lado da casa principal do proprietário.

Essas habitações careciam de infraestruturas básicas: não possuíam instalações sanitárias privativas, havendo apenas lavanderias, sanitários coletivos e, em muitos casos, a cozinha também era comum. Nas décadas seguintes, as autoridades tentaram erradicar as ilhas (Plano de Salubridade de 1956), sem sucesso. Em 1974 estimava-se que em torno de 60% dos operários portuenses ainda moravam em ilhas. Neste período foi criado o SAAL, Serviço de Apoio Ambulatório Local, impulsionado pela Revolução dos Cravos. O programa planejou realojar esses moradores em habitação social digna próxima dos bairros de origem. Apesar de requalificar diversas ilhas, teve sua operação interrompida em 1976. No século XXI, a estratégia passou da demolição à reabilitação. Em 2015, um levantamento municipal mapeou 930 ilhas e propôs soluções da demolição à requalificação.

Partimos então em direção ao “Bairro da Lomba”, na rua de mesmo nome, onde há a reabilitação de seis ilhas destinadas à habitação. No local da obra, os responsáveis técnicos descreveram as etapas percorridas desde o processo da captação dos recursos até o início das intervenções. Apresentaram os desafios para contemplar todos os antigos moradores das ilhas degradadas até atingir a composição ideal, levando-se em conta as necessidades de cada núcleo familiar. A revitalização conta com novas tipologias habitacionais de conformações diversas e áreas de uso comunitário. Os terrenos foram adquiridos de particulares e hoje compõem o parque público habitacional. Os valores anteriormente pagos a título de aluguel (arrendamento) mantêm-se.

Retornamos até a estação do metrô e seguimos caminhada pela Rua do Heroísmo e Avenida de Rodrigues de Freitas, cruzando toda a Freguesia do Bonfim, região de muita tradição portuense tanto nas edificações quanto no comércio. A intensa movimentação de automóveis e pedestres traz um contraste com os imóveis antigos característicos da arquitetura da região norte de Portugal. Alguma modernidade de usos não passa despercebido, o que comprova a boa oferta de serviços às ilhas visitadas. Todo tipo de comércio e transportes encontram-se à porta.

Entramos pela Rua de São Victor até chegarmos à Praça da Alegria, onde o espaço amplo permitiu mais um momento de compartilhar as informações dos guias. Aitor e Bernardo nos contam a história de Dona Maria de Fátima, herdeira de uma propriedade com 12 casas em ilha. Não tardou o assédio de investidores em ofertar uma quantia atraente pela aquisição do imóvel. Dona Maria de Fátima recusou-se a receber a oferta e rasgou o contato telefônico dos interessados. Hoje a propriedade está em processo de revitalização com recursos e processos fundiários similares ao Bairro da Lomba. A história de Dona Maria de Fátima virou uma peça teatral inspirada em um texto de Mariana Correia Pinto intitulada “Uma rua de cada vez”. A peça conta essa história de resistência onde o poder financeiro não pode tudo.

Retomado o percurso da Rua de São Victor, o grupo passou por uma requalificação habitada de casas em ilha ao número 182 e seguiu até o número 168, onde encontra-se a reabilitação de unidades residenciais, cuja entidade promotora leva o nome de Dona Maria de Fátima. Das 12 unidades em ilha originais pouco menos da metade encontrava-se ocupada. Aitor e Bernardo informam que esta condição permitiu ampliar internamente

algumas das unidades ao incorporar mezaninos, aproveitar espaço nos telhados e adicionar um quarto, totalizando hoje 8 unidades, algumas de dois quartos (T2) e outras de um quarto (T1).

Retornamos pela Rua de São Victor até o nosso destino final localizado à Rua Senhora das Dores, onde encontra-se o bairro de São Victor, coordenado por Álvaro Siza, no âmbito do SAAL. Um projeto de reabilitação de ilhas operárias, iniciado em 1975, que previa o realojamento gradual dos moradores em novas habitações construídas dentro dos próprios quarteirões, mantendo os vínculos comunitários. Ainda contava com a participação dos moradores e respeito à malha urbana original das ilhas. Este projeto foi apenas parcialmente executado devido à extinção precoce do SAAL (1976). Das dezenas de casas previstas, apenas 16 foram construídas, sendo 12 unidades novas. Hoje, essas habitações permanecem em uso e constituem um caso emblemático de arquitetura social sensível ao contexto local, minimalista e funcional, mantendo vínculos comunitários e sendo frequentemente estudadas como exemplo da abordagem ética e participativa do SAAL.

A pressão do turismo e do alojamento local cresceu sobre estas áreas, e não são raros os casos de ilhas inteiramente renovadas para alojamento local. Críticos temem a “museificação” desses espaços, convertidos em cenários pitorescos de “turismo de modos de vida” que explora os moradores como atração e descaracteriza a função social original. A visita guiada nos mostra que o território é o campo dos conflitos e das disputas pelo direito da existência e de permanência. É preciso exercitar a resistência, afinal de contas nem todos os dias nascem Donas Maria de Fátima.



Figura 1. Bairro da Lomba (foto: Marcello Bragatto)



Figura 2. Praça da Alegria (foto: Marcello Bragatto)



Figura 3. Ilha habitada. **Figura 4.** Ilha “Dona Maria de Fátima” (fotos: Marcello Bragatto)



Figura 5. Rua de São Victor (foto: Marcello Bragatto)



Figura 6. Ilha de São Vítor (foto: Marcello Bragatto)



Figura 7. Mapa do percurso – Oficina da cidade à casa e Habitar uma ilha no quintal – Um passeio pelas ‘ilhas’ do Porto (fonte: elaborado pelo autor sobre base no Google Maps)

*Editoras responsáveis pela submissão: Eneida Maria Souza Mendonça, Michela Sagrillo Pegoretti.
Editor assistente: Vitor de Toledo Nascimento. Editora de texto: Linda Emiko Kogure*

Licenciado sob uma licença Creative Commons.

